



Restauração. Depois de recuperadas as coberturas exteriores e as fachadas, o Palácio de Monserrate foi reaberto ao público, sendo possível ir acompanhando as várias intervenções



Últimas peças do puzzle do renascido Monserrate

Os andaimes ainda estão montados na Sala de Estar Indiana. Mas dentro de dois meses já não haverá sinais nem de obras nem das ruínas que era o Palácio de Monserrate até há pouco mais de uma década. Esta é a última grande intervenção de um projeto de restauro iniciado em 2001

POR Marina Marques

Com um pequeno pincel embebido em gesso, Margarida Fonseca vai "apagando" os estreitos espaços de união entre as placas de estuque que, com gesso e cal, por estes dias são coladas no teto da Sala de Estar Indiana do Palácio de Monserrate, em Sintra, num trabalho que muito se parece com o montar de um puzzle. "Estou a fazer os remates para não se notar a diferença de um painel para outro. Para que fique uniforme", explica, no alto do andaime que ocupa grande parte da sala onde na segunda metade do século XIX Emily Cook se reunia com as suas amigas e convidadas após o jantar, durante as longas estadas que a família fazia em Sintra.

Esta intervenção, um investimento de 35 mil euros, insere-se no

projeto global de restauro do Palácio de Monserrate, iniciado em 2001, sendo o último grande espaço que ainda não foi recuperado.

E dentro de dois meses não devem restar vestígios nem desta obra nem tão pouco do estado de ruína a que chegou o palácio, comprado em 1949 pelo Estado português mas que ficou fechado e sem qualquer utilização até 2001, altura em que a Parques de Sintra - Monte da Lua iniciou o processo de restauro.

Com um grande buraco no teto, esta era uma das salas que estava em pior estado e antes de se avançar para o restauro até se pensou em deixá-la ficar "como testemunho do estado de deterioração a que o palácio chegou", conta ao DN Sandra Alves, conservadora/restauradora da Parques de Sintra, responsável pela gestão das principais propriedades do Estado da Paisagem Cultural de Sintra, classificada como Património da Humanidade pela UNESCO em 1995.

A construção de uma casa de banho no piso superior terá sido a causa da maior destruição desta sala, diz Sandra Alves. A juntar à queda de uma boa parte do teto, os motivos vegetais em estuque que restavam tinham várias camadas de tinta. Por isso, as sobreviventes estão a ser alvo de uma espécie de *peeling*, com recurso a gel com solventes.

Depois de uma série de trabalhos preparatórios, o projeto de restauro começou pela estabilização de todos os materiais ainda existentes no espaço - "tudo o que existe é aproveitado", explica Hugo Pinhão, da empresa Way of Arts, que está a executar a intervenção. A estrutura do teto foi toda reconstituída, com a aplicação de um reboco de cal e areia suportado por pequenas fassquias de madeira pregadas às vigas, passando-se depois à aplicação dos painéis de estuque. Ao mesmo tempo, foram feitos os moldes dos motivos vegetais, em estuque, com padrões semelhantes aos existentes

no Alhambra, de Granada. E a razão é simples: "Sabe-se, através de documentação existente, que os estudantes foram visitar o Alhambra antes de fazerem este trabalho", refere Sandra Alves.

Com o pavimento de madeira já recuperado, segue-se a pintura das paredes, num rosa indiano, e do fundo dos motivos em relevo, num rosa muito suave, tons descobertos após sondagens preliminares. De entre os acabamentos finais, destaca-se ainda para a colocação de folha de ouro verdadeiro, à semelhança do que acontece na Sala da Música e na Sala de Bilhar. Esta última sala foi, aliás, determinante para o trabalho de restauro da Sala de Estar Indiana. "Pelo que restava da decoração do teto desta sala era impossível saber como era originalmente", recorda Sandra Alves. "A sorte", continua, "foi ter os mesmos motivos vegetais da outra". A outra, a Sala de Bilhar, logo ali do outro lado do corredor, antes de se chegar à Sala

da Música, divisão nobre do Palácio, era onde Sir Francis Cook convivia com os seus convidados após as refeições. Ele que, juntamente com a sua mulher, se apaixonou por Sintra e Monserrate, que descobriu durante a viagem de lua-de-mel.

Primeiro como arrendatário (1841) e depois como proprietário (1863), Sir Francis Cook, à semelhança do que D. Fernando fez na Pena com as ruínas do Mosteiro de Nossa Senhora da Pena, pegou num castelo neogótico aí existente e decidiu restaurá-lo, mantendo grande parte da estrutura. "E fazia um pouco concorrência a D. Fernando", conta Sandra Alves. "Se D. Fernando teve a primeira estrada de asfalto, Sir Francis Cook teve o primeiro relvado autossustentável, alimentado pelas águas que caem na cobertura do palácio", exemplifica.

No entanto, as perdas provocadas pelo *crash* da Bolsa de Nova Iorque de 1929 resultaram num grande rombo naquela que chegou a ser considerada a terceira fortuna de Inglaterra, feita a partir do fabrico e venda de tecidos. De tal forma que o neto de Francis Cook se viu obrigado a vender várias propriedades, entre elas Monserrate. Uma venda que aconteceu apenas em 1947, a um comerciante de antiguidades que decidiu leiloar todo o recheio do palácio e só não loteou a quinta porque o Estado interveio e a comprou.

Para que a sala volte a ser como era no século XIX, serão recolocados o espelho e a lareira em mármore. E talvez seja também pendurado o lustre vendido pelo comerciante de antiguidades. Na posse de um banco, as negociações estão bem encaminhadas e a peça pode mesmo voltar à Sala de Estar Indiana.